

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2022 - ANO XXIII - Nº 268

EDITORIAL

A singularidade da Serra da Mantiqueira empresta à paisagem de Piquete rara beleza, que atrai os olhares de todos. Essa muralha azul protege a cidade, que se localiza nas suas fraldas, estendendo-se pelo fundo do vale e rodeada por um mar de morros.

Esses diferentes cenários concorreram para que Piquete recebesse, em 1962, o cognome de “Cidade Paisagem”, escolhido por meio de concurso promovido pela Inspetoria Regional de Estatística do IBGE, através do chefe da Agência de Estatística de Piquete, Wilson Leite do Prado.

A serra da Mantiqueira tornou-se, porém, um paraíso ameaçado. A ocupação desordenada das encostas e o crescimento da cidade têm contribuído para a degradação de seus ecossistemas. As ricas e diversificadas fauna e flora, típicas de Mata Atlântica, e que ainda não foram completamente catalogadas, correm risco de extinção.

Piquete mantém relação direta com a Mantiqueira. É dela que provém a água que abastece a cidade e é nela que nascem seus principais ribeirões. O lento e contínuo processo de desmatamento de suas encostas, além de provocar erosão e desequilíbrio ambiental, desestabiliza o regime das águas afetando o balanço hídrico e comprometendo o abastecimento do município. A falta de visão fez com que até hoje nenhuma política ambiental efetiva fosse traçada no sentido de preservar esse patrimônio. A perda da cobertura vegetal nas encostas e matas ciliares, queimadas, cultivo de encostas extremamente íngremes e pastagens extensivas de baixa produtividade são exemplos de práticas errôneas adotadas no município.

A atual administração se apresenta como uma esperança para o avanço positivo nessas questões. Assumiu a Secretaria de Obras do município José Demétrius Vieira, engenheiro florestal com ampla atuação na preservação e recuperação de áreas degradadas. O Secretário precisa, porém, de amplo apoio para implementar suas ideias, sempre benéficas para os recursos hídricos e o meio ambiente. Que sejam exitosos seus projetos!



Foto JAF - Arquivo Pró-Memória

A multiplicidade de paisagens no município de Piquete, como esses campos de altitude na trilha para o Pico dos Marins, é atrativo para o turismo. Muitos desconhecem a Mantiqueira. É necessário um trabalho para que nossas potencialidades turísticas venham a ser conhecidas.

O potencial de Piquete para o Turismo

O turismo é dos setores que mais crescem no mundo. Em diferentes países, ao longo dos anos, os governos têm investido nessa fonte de desenvolvimento, geração de empregos e crescimento da economia.

São inegáveis as potencialidades e a vocação turística de Piquete. É preciso, no entanto, pensar primeiramente num projeto turístico em que, envolvida, toda a nossa sociedade fosse se conscientizando, preparando-se para as transformações que paulatinamente ocorreriam com sua implantação.

Piquete localiza-se nos contrafortes da Mantiqueira ostentando uma reserva de Mata Atlântica cuja biodiversidade, conscientemente preservada, poderá ser fonte de renda e estopim para nova fase de desenvolvimento de nosso município, por meio do ecoturismo.

Historicamente, a região de Piquete teve origem com a abertura de um caminho, no século 18, ligando o Vale do Paraíba às minas gerais. Esse caminho foi palmilhado por tropeiros, mascates, cafeicultores e militares, que, ao longo do tempo, se fixaram nessas paragens deixando construções como marcos de épocas (fazendas, igrejas, cadeia, estações ferroviárias, fábrica, pórticos, vilas operária e militar etc).

Nosso patrimônio arquitetônico é digno de ser conhecido, mas só se tornou rico de adjetivos por se encontrar inserido numa paisagem privilegiada.

Por outro lado, herdamos desses nossos primeiros povoadores uma rica cultura com histórias, folclore, culinária e artesanato que precisa ser resgatada e valorizada.

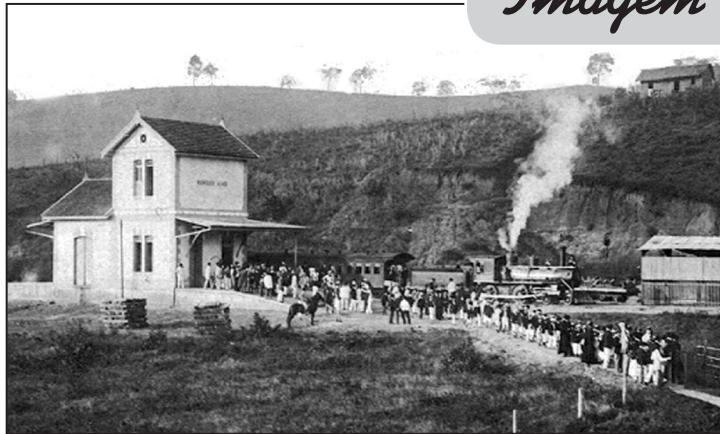
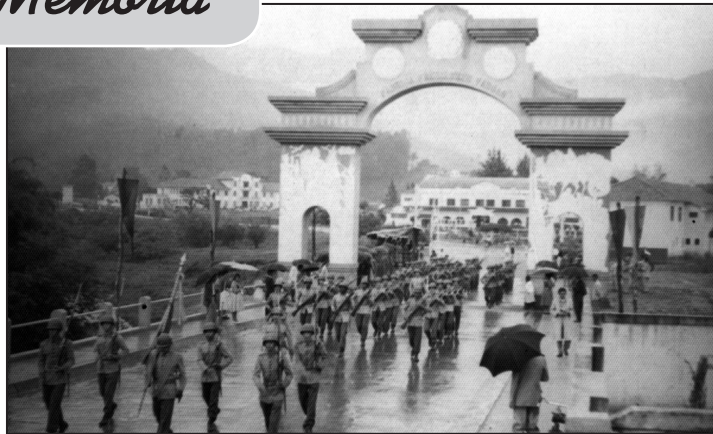
Uma reflexão sobre o turismo ecológico-cultural que Piquete usufruirá no futuro precisa ser feita. Valorizar o homem e a espontaneidade de sua produção rural, bem como conscientizá-lo da importância da preservação do meio ambiente, é necessário.

Ao mesmo tempo, é preciso que se inicie, de imediato, um trabalho para que nossas potencialidades turísticas venham a ser conhecidas pelos piquetenses. Desconhecemos nossos recursos. É essencial um amplo e preciso diagnóstico. Quantos em Piquete são capazes de apontar para a Serra e indicar seus principais acidentes geográficos? Esses lugares são propícios a caminhadas, atingidos com facilidade e, de lá, descortinamos boa parte do Vale do Paraíba. E nossos bairros rurais? Tabuleta, Itabaquara, Marins, Mundo Novo, São José, Gonçalves, Posses, Ronco...

Não podemos nos esquecer do homem rural, das antigas fazendas, redescobrir e valorizar a culinária regional típica, rica e variada, feita em fogão a lenha. O apoio ao tropeirismo, movimento que deu origem ao município, precisa ser incentivado. Devemos resgatar, ainda, nossas festas religiosas e populares.

O momento é propício para se discutir o Turismo em Piquete. Para tanto, o COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) deve ser valorizado e uma política pública que garanta a continuidade de um projeto deverá ser firmada. Esperamos que as ações atuais resultem em bons frutos e sejam detonadores de nova época para Piquete.

Imagem - Memória



Fotos Arquivo Pró-Memória

Fotografias que ajudam a contar a história de Piquete

Através dos tempos, os homens sempre se preocuparam com o registro de seus feitos em imagens gravadas. Com o advento da fotografia, esta, enquanto documento iconográfico, passou a ter valor histórico, uma vez que ressuscitam épocas, fatos e feitos muitas vezes distantes e, por intermédio da memória, nos proporcionam várias releituras.

Quando se olha para uma fotografia, as reações provocadas são as mais variadas, indo do simples olhar contemplativo ao inquiridor, inquieto, curioso, descobridor...

Sentimo-nos atraídos pelas imagens. Tornamo-nos presos, como que hipnotizados, e penetramos através da estampa gravada.

É impossível ficarmos indiferentes diante de fotografias amareladas. Muitas vezes, evanescidas pelo tempo, principalmente quando reproduzem nosso espaço mítico-afetivo e nos suscitam muitas emoções.

A fotografia evoca lembranças. Resgata sentimentos e emoções há muito adormecidos. Faz o indivíduo reviver fatos guardados nos arquivos da memória e por muitos anos esquecidos.

O arquivo Pró-Memória da Fundação Christiano Rosa detém uma rica coleção de fotografias e negativos que mostram aspectos da paisagem, festas cívicas e religiosas, personagens e o cotidiano da cidade. Para sua grande maioria, não se consegue mais identificar os autores. Todos são, porém, com certeza, resultado do trabalho de fotógrafos amadores ou profissionais que aqui viveram ou estiveram de passagem e aproveitaram a oportunidade de registrar para a história momentos de nossa cidade; alguns raros, como os dos primórdios do município. Não podemos, no entanto, nos esquecer de nomes como Duílio

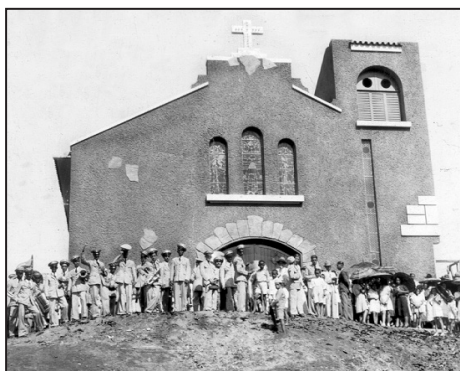
D'Amico, Antônio Lucas, Joaquim Aquino, Luiz Rodrigues Ramos, Dogmar Brasilino, Almir Pantoja, João Matos e outros, que se sucederam na arte de eternizar em imagens a paisagem piquetense. Esses e muitos outros, sem saber, contribuíram para o enriquecimento de nossa memória iconográfica. Legaram-nos um patrimônio fotográfico.

Contar parte da história de Piquete por meio da fotografia é um deleite. Um convite a caminhar por trihas, picadas, ruas descalças, rever salas e salões, descobrir a intimidade das casas e quintais, viajar no trenzinho dos operários, desfilar nas datas cívicas, competir em diferentes modalidades de esporte, professar sua fé e se descobrir como parte de uma comunidade dinâmica plantada nos contrafortes da Mantiqueira.

Guardar fotografias... Interessante forma de eternizar momentos.

Cabe-nos, assim, o dever de homenagear o maior "garimpeiro-guardião" de nosso passado: Carlos Vieira Soares. Outros apaixonados por Piquete seguiram sua trilha: José Arantes (Cotinha), Oswaldo Peixoto, João Gomes de Souza, Dogmar Brasilino... Que novos guardiões surjam a fim de garantirmos o registro de nossos momentos, de nossa história, para as próximas gerações!

Legendas: 01 - Chegada do trem com alunos do Colégio São Joaquim, na década de 1910. 02 - Desfile comemorativo da inauguração do Pórtico da FPV, em 19/11/1955. 03 - Vila Duque de Caxias, na década de 1970. 04 - Capela de São José no dia de sua inauguração, em 14/04/1940. 05 - Praça da Bandeira em foto da década de 1940. 06 - Presidente Getúlio Vargas no Campo do Estrela, quando da inauguração das torres de iluminação daquele estádio, em 17/07/1939. 07 - Visita do Arcebispo de São Paulo, Dom Gaspar de Affonseca e Silva, a Piquete, em maio de 1942, durante a preparação para o Congresso Eucarístico daquele ano. 08 - Inauguração do Hospital da FPV, em 28/08/1948, com a presença do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra.





Fotos: Alenilda Mendes e Cléber Mateus

No movimento das Águas: Saneamento Ecológico

Nos dias 31/03 e 02/04 foram desenvolvidas em Piquete duas ações do projeto denominado “No Movimento das Águas: Saneamento Ecológico”, iniciativa da Fundação Energia e Saneamento, Águas Piquete e Iguá Saneamento.

Na oficina teórica, conduzida pelo professor João Lucas, o tema foi Permacultura, que significa “cultura permanente”. A Permacultura é um conceito criado na década de 70 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren. Basicamente, pode ser entendida como a integração harmoniosa entre as pessoas e a paisagem, de modo que as necessidades (abrigo, alimentação, energia, bens materiais ou não etc.) sejam supridas de maneira sustentável. A palavra é formada pela união de “permanente” e “cultura”, pois parte do princípio que a perpetuação

da humanidade no planeta depende de uma cultura que seja perene.

Já na oficina prática, os responsáveis pelo projeto em Piquete, Rafael Ferreira e João Lucas, buscaram uma residência no bairro do Benfica sem o adequado saneamento: toda a água cinza era misturada à água negra e despejada diretamente na natureza.

Com recursos do projeto, mão-de-obra local e o apoio voluntário dos participantes da oficina, foi construído um “jardim filtrante”, sistema ecológico de saneamento, que irá retirar da natureza, de forma natural, esse despejo que, até então, contaminava o solo e as águas do Ribeirão Benfica.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os organizadores. Agradecem o dono da casa e o nosso Ribeirão Benfica.

A ideia merece ser multiplicada em Piquete! São inúmeras as residências, especialmente na zona rural, que despejam o esgotamento sanitário diretamente no solo ou em corpos d’água. Esse projeto mostra que, com agilidade e poucos recursos, esse tratamento ecológico pode ser implantado e os resultados são excelentes. Urge um projeto municipal, que, certamente, poderá contar com mutirões para a instalação, como foi o caso desse projeto.

A coleta e tratamento do esgotamento sanitário municipal e a instalação de fermentadoras como essa são, definitivamente, fator crucial para o sucesso dos programas de Turismo. O tratamento do esgoto é exigência para que Piquete se torne Município de Interesse Turístico (MIT).

Educação, cultura e meio ambiente

Nos últimos anos, uma nova ordem social está sendo estabelecida em todos os segmentos da sociedade objetivando a melhoria da qualidade de vida de todos os povos. O sentido da vida deverá ser restabelecido em plenitude, com o resgate da dignidade humana e o combate às desigualdades sociais, à violência e às agressões ao meio ambiente, procurando proporcionar tanto ao homem urbano, quanto ao rural, a crença de que, se nos unirmos, teremos um futuro promissor.

As mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global e suas repercussões atingem direta ou indiretamente a todos. É preciso, portanto, repensar essa relação predatória do homem com a natureza. Por outro lado, a globalização e a aceleração dos acontecimentos mundiais fizeram com que o homem deixasse de participar com maior intensidade do seu dia a dia e da vida comunitária. O progresso acelerado dos últimos

anos tem afastado o homem de suas raízes, fazendo com que ele perca suas tradições e, em função do moderno, deixe que sua identidade cultural vá aos poucos se diluindo.

Hoje, os principais problemas da vida moderna decorrem, em sua essência, da falta de amor, da desagregação familiar e, principalmente, do desrespeito aos nossos semelhantes. Por meio da educação de qualidade, com ensino voltado para a realidade local, o homem passará a conhecer, amar e respeitar o meio no qual está inserido.

Os problemas sociais, cada vez mais graves, não podem deixar que o homem perca a esperança de uma vida promissora. Atualmente, a sociedade discute o futuro e se organiza visando a um mundo melhor. Faz-se necessário repensar o meio ambiente e nossos valores culturais, na busca de sua recuperação e preservação, que se tornaram, nas últimas décadas, prioridades de

todos os povos. Trata-se de uma questão de sobrevivência das espécies, incluindo-se aí o homem. Essa preocupação decorre de uma nova maneira de se perceber o mundo e da relação direta do homem com o meio em que vive. Essa nova educação é, essencialmente, uma proposta de filosofia de vida que incorpora valores éticos, democráticos e humanísticos. Tem como ponto de partida o respeito à diversidade natural e cultural, incluindo-se as especificidades de classe, etnia, gênero, orientação sexual etc.

É preciso que haja, de maneira democrática, ações voltadas para uma educação holística que proponham novos valores e práticas baseados em uma postura ética que propicie oportunidades para as pessoas, e que estas desenvolvam sua criatividade, reaprendendo o mundo, sem estabelecer separações artificiais entre mestres e aprendizes, entre sexos, idades e saberes.



Fotos Arquivo Pré-Memória

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

O Morro do Santo Cruzeiro

No morro em frente à velha matriz de São Miguel uma cruz de concreto brilha nas noites piquetenses. Ela substitui outra, de madeira, fincada lá no alto em 1900 e benta por Frei Silvério, frade franciscano que aqui estava em missão apostólica, conforme o livro “Rememorando...”, de autoria de Carlos Vieira Soares.

Afirma ainda o nosso cronista e historiador que “o lenho desse cruzeiro era o de uma caviúna derrubada e lavrada no próprio morro pelo famoso madeireiro José Serrador.”

Uma tosca e humilde capelinha de tijolos lá foi erguida em 1930. O transporte de tijolos, pedras e latas de areia e água nos ombros de dedicados trabalhadores. Sua inauguração em 3 de maio, festa de Santa Cruz – arcos de bambu, bandeirinhas, foguetes de vara, cantos e preces. Ela brotou do chão graças ao trabalho de uma comissão composta por Auzelino de Castro, Odilon Soares da Costa, Benedito Pereira, Nourival Crispim de Castro e Benedito José de Oliveira. O terreno, doado por Dona Domiciana Relvas, esposa do Coronel Luiz Relvas, mulher de destaque na sociedade da época.

O tempo carcomeu a cruz, carcomeu os instrumentos da Paixão, todos de madeira – os cravos, a coroa-de-espinhos, a lança, o martelo. E um galo – dolorosa lembrança da traição de Simão Pedro.

A igreja também desapareceu. Ela faz parte da minha infância. De uma das janelas do casarão de meu avô Chiquinho Máximo eu a contemplava desafiando as chuvas, os sóis e os ventos.

Eu e meus amigos subíamos a encosta à cata de passarinhos ou por espírito de andança. Éramos inseparáveis, colegas de escola, de catecismo e de acolitamento. Caminhávamos descalços, sem pressa de chegar. Dava gosto ver borboletas dançarinas, gafanhotos saltitantes – tão verdes que pareciam folhas, dormideiras sempre melindrosas aos nossos toques, juazeiros carregados de florinhas e frutinhas coloridas – poesia viva na aspreza do caminho pedregoso e esburacado. Além das cercas de arame farpado vacas

nos observavam espantadas, orelhas em pé, caudas pendulares.

À medida que subíamos contemplávamos a cidadezinha. Piquete parecia um presépio. Bois na fartura do capim. Pessoas que nem formigas. Apito do trem-dos-operários.



Cantiga de carros-de-boi. Gritos e vozes. O azul da Mantiqueira. A imponência do Pico dos Marins. A solenidade da vetusta Matriz de São Miguel.

Sentávamo-nos junto à cruz. Lá respirávamos a paz e o frescor da paisagem. Aos seus pés, pedras levadas pela fé: pagamento de promessas ou espírito de penitência. Imagens quebradas, às quais a devoção exigia muito respeito. Bilhetes com pedidos de benesses do céu.

Na festa de Santa Cruz ou na Sexta-feira maior abria-se a pesada porta da capela. Cheiro de coisa velha. Um altar de madeira, santos de gesso, flores de papel crepom. Mulheres rezadeiras. Crianças barulhentas. Namorados de mãos dadas.

Certa vez, o morro foi palco de uma tragédia: o suicídio de dois jovens enamorados com formicida. Ele de farda – soldado do Contingente da Fábrica Presidente Vargas. Ela – apenas quinze anos, linda no rosado do rosto moreno. Morreram abraçadinhos. Ungidos de amor. Banhados de luar. Orvalhados da madrugada. Iluminados da manhã.

Muita conversa rolou em torno dos amantes. Voz corrente que as famílias reproavam o namoro. Até de gravidez falaram. Disse-me, porém, uma senhora que fora colega e amiga da desventurada adolescente que ela morreu virgem, “moça donzela” como se falava na época.

Eu menino, marcou-me outro acontecimento funesto – a morte de Tarcísio, seis anos de idade, os pais “seu” Aníbal Roque e dona Maria da Palma, antigos moradores do pé do morro. Foi triste vê-lo eletrocutado, a mãozinha esquerda colada a um poste de ferro da rede pública de iluminação. Era o entardecer de um sábado chuvoso. No domingo, o enterro – o caixãozinho branco, muitas crianças, flores dos quintais. O morro de luto. Parecia que o garoto era filho de todas as famílias que lá moravam, gente amiga e solidária: “seu” Leopoldino Gabriel, prole numerosa; “seu” Olegário de Almeida, raizeiro, com suas “garrafadas” para curar doenças e picadas de bichos peçonhentos; dona Laurinda de Almeida, lavadeira; Dona Edwírges Tereza Ramos, ajudante de parteira, e tia Venância, cozinheira pra ninguém botar defeito.

Quando contemplo o Cruzeiro, em meio às lembranças avulta o rosto de Nhá Dita, preta velha da antiga estrada do Itabaquara, que fizera a promessa de iluminar com velas a íngreme colina. Seria comovente o espetáculo das luzes tremulantes!

Chico Máximo, 2005

Na foto em P&B, da década de 1920, o Santo Cruzeiro instalado em 1900 no morro em frente à antiga Matriz de São Miguel, Piquete, SP. Sentadas. D. Lily Couto, filha de D. Maria Eufrásia, proprietária do Hotel das Palmeiras, e Esther Galvão, filha do professor João Galvão de França Rangel.



Grupo no Santo Cruzeiro no dia 15 de abril de 2022, Sexta-Feira Santa.